



## **QUANDO CIDADES SE ENCONTRAM COM O “PASSADO: REVALORIZAÇÕES PATRIMONIALISTAS EM FORTALEZA E COIMBRA**

Carlos Fortuna

CES- UC

[cjfortuna@gmail.com](mailto:cjfortuna@gmail.com)

Irlys Barreira

UFC

[ialencar21@uol.com.br](mailto:ialencar21@uol.com.br)

Roselane Bezerra

CES- UC

[Lane.bezerra@hotmail.com](mailto:Lane.bezerra@hotmail.com)

Carina Gomes

CES – UC

[carina@ces.uc.pt](mailto:carina@ces.uc.pt)

Cidades de universos culturais diversos e díspares histórias e geografias partilham hoje linguagens, projetos e ações surpreendentemente similares em seus desígnios de reforço do seu recorte identitário e de diálogo com o mundo da globalização. Este efeito de proximidade inter-cidades que a globalização tem instigado, gera um manancial inédito de interconhecimento cujo potencial é ampliado pelos novos meios de comunicação. Tal “proximidade” que não exclui a competitividade entre cidade é também uma resultante da atual mobilidade de empresas, mercadorias, pessoas e ideias. Estes fluxos têm tornado possível o “encontro” de cidades em dinâmicas plataformas de trocas de experiências e de projectos, de iniciativas urbanísticas e de expressões culturais ou modelos de governação. Expostas umas às outras como nunca, este efeito de “proximidade” acaba devolvendo a cada cidade uma imagem refletida de si própria. Com isso agudiza-se o eterno desejo de qualquer cidade de se poder tornar uma outra.

Cidades como Fortaleza ou Coimbra, que no plano formal correspondem a universos geo-culturais muito distintos, contudo, podem revelar inesperadas partilhas de universos de acção política e estratégica. Tentaremos desenvolver essa matéria nesse texto, mas queremos salvaguardar que não temos intenção de proceder a comparações, mas tão só reflectir sobre os múltiplos questionamentos e disputas de sentidos que estas cidades originam na sua relação com o “seu” passado. Centramos o nosso texto,



portanto, na reflexão das dimensões patrimonialistas e sua relação com a busca de renovação ou revalorização estratégica destas cidades.

As cidades proporcionam hoje uma nova possibilidades de encontro direto entre pessoas de todas as latitudes e origens: visitantes, residentes e estranhos. Em termos concretos, centros históricos ou prosaicos bairros – funcionando como lugares de memória e repositórios do passado – converteram-se em instrumento privilegiado de análise da dialética urbana que se materializa num conjunto de permanências e mudanças. Tal acontece por vezes de modo ambíguo, como na relação das cidades com a sua história e o seu o passado. As cidades, caracterizadas por apresentarem investimentos permanentes em seu edificado, muitas vezes parecem sujeitar os seus centros históricos ou os seus bairros a estratégias que os convertem ora em sinais de modernidade e centralidade, ora em marcas de antiguidade e condição periférica. Ser-se centro e periferia de si mesma é um atributo das cidades que tanto preservam para serem modernas como modernizam para permanecer antigas.

Renovação, requalificação, preservação, revitalização, memória, criatividade são vocábulos que hoje integram as agendas de diferentes cidades. Todos contém sentidos disputados sugerindo questionamentos diversos (Fortuna e Leite, 2009). Mais que a querela semântica, porém, o tema ultrapassa o caráter conceitual, isto é, a dimensão precisa de todos esses vocábulos, fazendo emergir questões sobre dinâmicas simbólicas e performáticas associadas à ideia de patrimônio. Diferentes formas de entendê-lo e accionar práticas sociais em seu nome estão associadas a história de projetos de intervenção que pontuam diversos espaços citadinos contemporâneos.

Será que a “virada turística” de aglomerados urbanos pode se converter na fórmula mais expedita para “descobrir o passado” da cidade? Bastará recorrer às marcas que as *pedrase outros memoriais tornados património* revelam? Qual é o limite dessa revelação? Que se esconde por detrás daquilo que se mostra? O passado das cidades não é inteiramente legível e, como assinalam de Certeau e L. Giard, tanto pode funcionar como intermediário entre os “fantasmas” da cidade antiga e os imperativos do presente, revelando insuspeitadas experiências de vida, como pode, ao contrário, sugerir dimensões da cultura local que assombram e paralisam a cidade no seu todo (de Certeau e Giard, 1998 p. 135).



A idéia de património histórico está sendo re-interpretada no sentido de uma nova apropriação do lugar tanto por locais e residentes, como por visitantes. Mas há ainda assim estratégias diferenciadas no uso desse património. Fortaleza (Praia de Iracema e centro da cidade) aposta em uma estratégia que chamaremos de valorização patrimonial “soft”, mais reformista, com objetivos de maior adaptação entre passado e presente, enquanto Coimbra aposta numa valorização “hard”, mais conservadora e mais afinada com o que poderia ser considerado expressivo da história e da memória da cidade.

O contexto urbano actual apresenta uma “reconfiguração” das cidades, tornando os espaços públicos e privados alvos de projectos de “requalificação” que visam tanto “recuperar zonas degradadas”, imprimindo-lhes outras alternativas de utilização, assim como buscam afirmar sentidos transformados ao longo do tempo.

Políticas de intervenção emergem em diferentes cidades, variando de acordo com suas particularidades históricas e arquitetónicas. Parte significativa dos estudos demonstra que os temas predominantes na análise dessas interferências espaciais referem-se à política de património e à transformação de espaços da cidade em objetos de consumo e “mercadoria” (Fortuna, 1999; Arantes, 2002; Vainer, 2002).

Procuramos refletir sobre essas questões olhando para as experiências de duas cidades distintas: Fortaleza e Coimbra. Ambas, não obstante as diferenciações históricas, têm em comum a valorização do seu passado como recurso de atração turística. Passado submetido a diferentes intervenções e interpretações capazes de demonstrar que sob o tema do patrimonio encontram-se variações de usos e definições.

O objetivo deste texto, portanto, é apresentar diferentes modos de “encontro entre passado e presente” tomando como referência as experiências de Coimbra e Fortaleza. Menos preocupados com aspectos comparativos, as reflexões encaminham-se para entender formas diferentes de intervenção urbana, a partir das quais sentidos de memória e uso do espaço são construídos.

#### A EXPERIENCIA DE FORTALEZA – UMA INTERVENÇÃO “SOFT”

Fortaleza foi inserida em uma dinâmica de remodelação e busca de conservação do património por meio de intervenções pontuais realizadas no bairro Praia de Iracema e propostas de “requalificação” do centro da cidade. As modificações urbanísticas



nesses locais, embora tenham sido alvo de políticas urbanas, em vários momentos da história da cidade, podem ser identificadas mais significativamente a partir da segunda metade dos anos 1980, com a ascensão do grupo político liderado pelo então governador do estado do Ceará Tasso Jereissati. Sua administração caracterizou-se por uma busca de “modernização” econômica que incidiu sobre a formulação de projetos visando valorizar a “a memória da cidade”, ao mesmo tempo que investir na atração de visitantes.

As transformações urbanas pelas quais vem passando a cidade não são, entretanto, recentes. Desde a década de 1970, Fortaleza vem experimentando um movimento progressivo de construção de espigões próximos à orla marítima paralela à descentralização de atividades de comércio e de lazer. As mudanças de teor expansionista são acentuadas nas décadas de 1980 e 1990, ocasião em que a cidade consolida sua condição de metrópole com “vocação para o turismo”. A tendência   expansão se fez acompanhar de propostas de preserva o da “memória” da cidade.

De fato, na década de 1990, o bairro Praia de Iracema tornou-se palco de interven es urbanas governamentais, associadas ao capital privado, interessadas no incremento de “tradi es históricas e culturais”. A antiga zona de lazer e moradia passou a ser um espaço reconstruído, ou um lugar, na perspectiva de Marc Aug  (1994), a partir do qual era possível apresentar e narrar Fortaleza. A constru o de uma tipicidade baseada simultaneamente na inven o das tradi es e na moderniza o de constru es de espaços de lazer passaram então a integrar a estratégia de valoriza o da “história da cidade”, reafirmando a condi o da Praia de Iracema como cartão-postal da cidade.

A “recupera o” do centro da cidade, a reforma dos antigos prédios e a constru o de áreas de lazer, ao lado de outras práticas de interven o no contexto urbano, nomeadas de “requalifica o” respondem a um movimento de *gentrifica o* presente em grande parte das metrópoles contemporâneas. Se Fortaleza pode ser situada como cidade histórica, modificada ao longo do tempo através de projetos compatíveis com a chamada modernidade,   necessário pensar sobre os elementos definidores dessa historicidade.

Aquilo que designamos como centro, antes de materializar-se em um lugar físico



constitui um espaço imaginado e passível de muitos discursos e idealizações. Confundindo-se com a idéia de espaço público, a perspectiva de um sentido de “esvaziamento do centro” se robustecena crítica à “invasão” dessa localidade por vendedores ambulantes e outras formas de ocupação da área, consideradas diferenciadas de outros momentos de apoju atribuídos ao passado.

Reflexões sobre a existência ou ausência de patrimônio histórico em Fortaleza foram recuperadas à luz dos debates e propostas de “requalificação”. A idéia de que Fortaleza tem patrimônio histórico rico fundamentou-se na existência de locais como prédios, praças, museus e colégios que testemunhavam contra as críticas sobre a “falta de consciência histórica da cidade”. Uma das propostas que vêm sendo discutidas em vários projetos é a de recuperação de moradias para as famílias de classe média. A criação de corredores criando passagens entre pontos importantes visa a valorização de equipamentos públicos, tais como a reforma do “Parque da Cidade” e sua ligação com a praça José de Alencar.

A idéia de “requalificação” prima pela valorização simbólica de espaços urbanos, instituindo narrativas com recuperação histórica de locais considerados representativos da cidade. Supõe também novos investimentos imobiliários, tendo em vista atrair a presença da classe média, instituindo a cultura e o lazer como suportes fundamentais de mudança e preservação. A valorização de um público indefinido, o que aflui à cidade em momentos episódicos (os turistas) passa também a contar na lógica das tentativas de intervenção, aproximando-se da concepção de um urbanismo destinado a uma população flutuante.

O centro de Fortaleza viveu diferentes momentos de intervenção. A reforma da praça do Ferreira, ocorrida em 1991, baseava-se na tentativa de manter a “história do local” sem abdicar dos novos usos. O projeto arquitetônico levou em consideração a reforma de antigos monumentos e prédios, valorizando espaços alternativos de sociabilidade. A remodelação do centro de Fortaleza supunha também recuperação do Parque da Cidade, estruturação do Forte Nossa Senhora de Assunção e transformação do cine São Luis em centro de negócios. A implementação de uma linha de metrô, Metrofor, a restauração de fachadas e a remoção da feira da Igreja da Sé constituem formas mais concretas de atuação que vem sendo objeto de políticas urbanas baseadas em reformas e preservação do centro.



As intervenções e discussões sobre o centro fizeram emergir atores e instituições. Os “amigos do centro” e a Secretaria extraordinária do centro propõem: embelezamento, transportes, habitação e exploração turística. O presidente da Associação de Empresário do centro critica a proliferação do comércio ambulante, instalado sobretudo no local denominado de beco da poeira. Diz ele no jornal o povo de 20/7/2007: “os empresários do centro estão de joelhos diante do exorbitante crescimento da marginalidade”.

As tentativas de valorização histórica do centro supõem também eventos associados ao lazer que acontecem nos últimos anos. O Pré carnaval, animado por bandas que ocupam o coração da praça, as quadrilhas à época de São João e outros eventos típicos funcionam como espécies de “invenção das tradições”, no sentido emprestado por Hobsbawum, contando com incentivos governamentais e a presença episódica mais significativa da classe média. Outros eventos passam a assumir evidência: os passeios turísticos pelas ruas do centro, os casamentos, as feijoadas animadas por músicas e tudo o que significa impedir que a cidade “se deteriore e perca sua identidade e visão da história”. É notório no entanto observar que os eventos e festividades têm um envolvimento restrito de frequentadores cotidianos, o que põe em questão a própria noção de sustentabilidade. É importante enfatizar o fato de que enquanto o centro de Fortaleza aposta em uma revitalização voltada para atração de uso pela classe média, o bairro Praia de Iracema aponta para uma estratégia mais voltada para o turismo.

No contexto de expansão da cidade para o turismo, o bairro Praia de Iracema foi eleito como “lugar ideal” para a implementação de reformas urbanas, devido à sua localização geográfica<sup>1</sup> e à sua “história”, plena de representações simbólicas. A percepção de um bairro boêmio frequentado por intelectuais e artistas emprestariam um tom “singular” à Fortaleza. As representações estavam portanto ancoradas em usos e apropriações espaciais que classificavam a Praia de Iracema como um lugar de lazer, detentor de um património simbólico digno de atenção e “requalificação”.

A procura de investimentos culturais capazes de induzir ao consumo artístico, criando novos bares, cinemas, teatros e shows é exemplificada no pátio que integra o

---

1 / O bairro Praia de Iracema está situado entre as ruas João Cordeiro, Monsenhor Tabosa, Almirante Jaceguai, Almirante Tamandaré e a avenida Beira-Mar. Localizado junto ao mar, esse bairro, um dos menores da cidade de Fortaleza, segundo Censo Demográfico de 2000, tem uma população de 3.150 habitantes.



Centro Dragão do Mar, situado próximo à Praia de Iracema. Nesse espaço as fachadas de antigos armazéns de atacado foram transformadas em bares; Foram criadas salas de cinemas e museus, compondo um espaço arquitetônico múltiplo, que pretendeu representar um ideal de sociabilidade a ser expandida às demais zonas da cidade, incluindo outras regiões, tal como foi idealizado no projeto inicial.

A construção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura solidificou a idéia da cidade como pólo de atração. O projeto associava remodelações que incluíam espaços de lazer e oferta de serviços, apropriando-se da fachada de antigos armazéns. Metaforizava a idéia de textos deslocados de sua origem e reconfigurados de acordo com os novos usos, em alusão ao que ficou conhecido como pós-modernidade.

De um lado, havia os frequentadores habituais e os moradores, que, através de suas práticas sociais e lembranças – baseadas na representação de um bairro bucólico e boémio –, construíram um sentimento de pertença ao bairro; de outro, a política de “requalificação”, que transformou a tradição na *city marketing*. Nesse sentido, algumas narrativas justificavam as intervenções urbanísticas e defendiam que a “boémia” se modernizou, tornando-se globalizada, enquanto outros discursos denunciavam uma falta de planejamento e a invasão por um público indesejado em alguns espaços do bairro.

Atendência dessas interferências na arquitectura fundamentou-se também na criação de resultados lucrativos, ao transformar a cidade em ponto de atracção para o capital e fazendo com que a sua imagem passe a ser tão importante quanto a realidade.<sup>2</sup>

Seguindo esse modelo de intervenção urbana, as apropriações espaciais de cunho privado na Praia de Iracema foram voltadas ao lucro rápido sob a forma de actividades de lazer, como bares, restaurantes e discotecas. Assim, a transformação de espaços do bairro em “mercadoria” contribuiu para a emergência de usos por parte de grupos com “identidades partilhadas” (Augé, 1994), que desenvolveram “lutas simbólicas” (Bourdieu, 1989) em defesa de um “lugar” nesse espaço.

No caso da Praia de Iracema, a inserção de grupos com “identidade partilhada” gerou a emergência de dissensões nos diversos “lugares” que recortaram simbolicamente esse bairro. Tomando uma expressão utilizada por Sennett (2001),

<sup>2</sup> / David Harvey observa que a arquitectura pós-moderna decorrente de intervenções no espaço urbano tende a criar resultados lucrativos expressos na forma de “exumação de estilos passados, para a reconstrução, imitação e referências históricas, e para a réplica direta de estilos vernaculares locais” (1996: 182).



existiu, nesse espaço da cidade, o “medo do contacto”. A preservação do património pode ser considerada o alvo do primeiro *round* na “disputa simbólica” em torno da ocupação do espaço da Praia de Iracema envolvendo vários actores sociais.

Após as intervenções urbanas por parte do poder público, transformando a Praia de Iracema num lugar atractivo para residentes e turistas, os moradores do bairro foram obrigados a mudar severamente as suas práticas quotidianas e também o alvo de seus protestos. Nesse novo *round*, o combate foi contra a poluição sonora. A designação, boémio, antes associada aos artistas e intelectuais que frequentavam esse espaço, ganhou uma conotação pejorativa por meio de expressões como: “boémia etílica” e “boémia *high teck*”, tornando-se categorias associadas á degradação do bairro.

Além dos movimentos sociais e das denúncias nos meios de comunicação de massa, os moradores da Praia de Iracema investiram em defesa de seu espaço por meio de processos judiciais contra alguns proprietários de bares e casas de *shows*. Tendo esses novos vizinhos como “inimigos”, os residentes do bairro se organizaram e passaram a solicitar do poder público medidas para amenizar os conflitos que estavam transformando o sentido do bairro.

As ocorrências vigentes na Praia de Iracema e Centro de Fortaleza apontam para a complexidade dos sentidos de “revitalização” e “requalificação” subjacentes aos processos de transformação urbana. Trata-se de usos que, embora amparados na idéia de solidificação da memória, entendendo com isso a preservação de alguns equipamentos, não abdicaram dos usos efetivos do espaço. De fato é contra a idéia de “abandono” ou “esvaziamento” que as intervenções políticas são justificadas, sendo a concepção de património associada a um sentido difuso. A essa perspectiva de incrementar a ação nas áreas associada ao capital privado e às formas mais contemporâneas de consumo denominamos política de património “soft”, em contraponto à situação de Coimbra exposta a seguir.

## COIMBRA

Sendo uma das cidades mais antigas de Portugal, Coimbra é densa em história e recheada de monumentalidade. A sua origem remonta a mais de dois milénios atrás e esteve relacionada com as condições geográficas favoráveis de uma colina de difícil acesso que se estendia sobre um rio. Quando foi definitivamente reconquistada aos



mouros, no séc. XI, a população que até então morava dentro das muralhas da cidade, começou progressivamente a instalar-se fora delas, gerando algumas zonas habitacionais em torno do núcleo original e mais antigo da cidade. Com esta ocupação começaria a tomar forma uma estrutura urbana com funções e usos distintos, que ainda hoje marca visivelmente a cidade: uma área intra-muros que era habitada pela nobreza, pelo clero e algum povo – a Alta da cidade; e uma outra zona fora da muralha e junto ao rio, onde se localizam oficinas, mercados e pequenos comércios – a Baixa. Em 1308, a instalação da Universidade viria a reforçar a dualidade entre as duas zonas: com a alegada ordem de D. Dinis que permitia que apenas as pessoas ligadas ao mundo académico pudessem “pousar na parte da cidade para cima da Porta de Almedina” (Góis, 1998: 35), a Alta passaria a estar irremediavelmente ligada ao mundo académico e burguês, enquanto a Baixa seria cunhada como um meio popular, recheada de comércio tradicional e serviços.

Historicamente, estas duas zonas constituem o núcleo original da cidade que, ainda hoje, está morfológica, funcional, social e culturalmente estruturado com base na dicotomia entre a Alta e a Baixa. Já no decurso do séc. XX, a evolução da cidade e a transformação das suas áreas mais antigas foram muito marcadas pela intervenção dos poderes públicos, que foram inscrevendo no tecido urbano sinais dos paradigmas urbanísticos e das políticas para as cidades, dominantes no resto da Europa. Entre as décadas de 1940 e 1980, foram elaborados vários planos de urbanização para a cidade, que influenciaram, indubitavelmente, a sua transformação urbanística. Em qualquer um deles era visível a preocupação com a vertente estética urbana e, de forma específica, com a preservação do centro antigo da cidade, a Alta e a Baixa (Gomes, 2007, p. 7).

Num quadro de expansão urbana contínua, as áreas mais recentes da cidade – Celas, Santo António dos Olivais, Bairro Norton de Matos, Sólum, Tovim, Cidral, Monte Formoso – transformaram-se em novas centralidades urbanas, contrastando com as zonas mais antigas da cidade, que passaram a ser alvo de atenção e preocupação crescentes por parte do poder local, sobretudo pelo nível de degradação física que apresentavam. Desde a década de 1990, têm vindo a ser fomentados programas e



medidas de recuperação e defesa das áreas históricas da cidade<sup>3</sup> que, segundo os próprios responsáveis autárquicos (Fernandes *et al*, 1997), têm em vista a renovação urbana dessas zonas, mas também o sustento das suas formas tradicionais de economia. O poder público assumia, então, como problemáticas as questões da desvitalização socioeconómica dos centros históricos, que a literatura especializada vinha denunciando como um dos desequilíbrios gerados pela expansão e desenvolvimento territoriais de muitas cidades.

Hoje, além das centralidades que se desenvolveram durante o decorrer do séc. XX, são visíveis na paisagem urbana da cidade, uma série de outros pontos de interesse que, através dos seus desenhos arquitectónicos, conferem à cidade um toque de contemporaneidade: os Pólos II e III da Universidade de Coimbra, que albergam, respectivamente, as disciplinas de Ciências e Tecnologia e das Ciências da Saúde, entretanto deslocadas da Alta universitária; a zona comercial na margem esquerda do Rio Mondego, historicamente menosprezada pela cidade, mas agora em pleno desenvolvimento urbanístico; o Parque Verde do Mondego e toda a zona ribeirinha requalificada no quadro do Programa Polis, onde se encontram instalados o Exploratório Centro Ciência Viva de Coimbra, o Pavilhão Centro de Portugal (Pavilhão de Portugal na Expo 2000, em Hannover), que acolhe exposições, concertos e outros eventos culturais, e onde foi construída a Ponte pedonal Pedro e Inês para ligar as margens direita e esquerda do Rio Mondego. Estas são também algumas das atracções que, segundo a Empresa Municipal de Turismo de Coimbra, merecem visita, sendo consideradas como *ícones da arquitectura*, e símbolos da arquitectura contemporânea que *marcam a paisagem urbana da cidade* (TC/EM, 2008).

Ao mesmo tempo que estas novas centralidades ganham lugar na cidade, e que o concelho de Coimbra assistiu a um aumento gradual da sua população até ao ano de 2001, as freguesias centrais, correspondentes à Alta e à Baixa de Coimbra, foram sofrendo um esvaziamento gradual das suas funções e populações, sendo reduzidas praticamente a metade dos habitantes desde 1950 até 2001. Coimbra é hoje uma cidade

---

<sup>3</sup> Para a Alta, há registo de vários projectos PRAUD, a criação de um Gabinete Técnico Local (GTL), a declaração de área crítica de recuperação e reconversão urbanística e, finalmente, um projecto URBCOM. Para a Baixa, por seu turno, refiram-se os projectos PROCOM (1995), PRU (1995), PROCOM (1999) e, mais recentemente, o Processo de Renovação Urbana e Social da Baixa (2004).



como muitas outras cidades que são compostas por mosaicos complexos. Não tem apenas um centro, aquele que é histórico e geográfico, mas possui várias centralidades urbanas, mais ou menos afastadas da área antiga e dotadas de especificidades morfológicas e funcionais bem vincadas, representando importantes pólos de atracção no contexto urbano.

Numa visão panorâmica pode-se dizer que esta fractura sociocultural da cidade só foi, de algum modo, amortecida com o desenrolar do processo de democratização do país, iniciado em 1974. Tal processo criou as condições para que, sobre o pano de fundo das antigas rivalidades sociopolíticas e culturais, se forjasse uma atmosfera de diálogo e coesão institucional. Com efeito, sob o ambiente político entusiástico da democracia, nas décadas de 1980 e 1990, num momento sem precedentes históricos, a Universidade e o poder político local foram capazes de se aliar na tentativa de definir uma estratégia comum para o desenvolvimento local. A ideia de um novo projecto para a cidade, mais democrático e participado foi resultado da dinâmica associativa da sociedade civil local que logrou gerar uma conferência de consensos na cidade a ponto de suavizar as antigas rivalidades. Algumas visões mais entusiásticas não deixaram de chamar a este entendimento um projecto de UniverCidade.

Do Congresso da Cidade, organizado pela Pro Urbe, nasceria também o Conselho da Cidade de Coimbra, cuja missão passaria pela promoção, coordenação e dinamização de iniciativas que incentivassem e fomentassem a participação democrática no âmbito do Município de Coimbra e contribuíssem para a competitividade da cidade. Perseguindo este objectivo, partiu também do Conselho da Cidade de Coimbra a proposta de candidatura de Coimbra a Capital Europeia da Cultura 2012.

Durante as últimas três ou quatro décadas, a oferta turística promovida em Coimbra estruturou-se sobretudo em torno da história da cidade, com destaque para a sua componente monumental e enaltecida pela importância da sua instituição universitária. Esta parece ter sido uma fórmula de sucesso, segundo indicam alguns dados<sup>4</sup> sobre as experiências e as preferências de turistas e visitantes na cidade. Entre

---

<sup>4</sup> Referimo-nos aos dados de caracterização geral dos turistas e visitantes e suas experiências na cidade, provenientes de um estudo recente (Fortuna, 2009) intitulado “Fluxos Turísticos no Centro Histórico de Coimbra”, desenvolvido no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, pelo Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas.



eles, o conhecimento prévio da cidade parece dever-se sobretudo à Universidade e o seu conjunto monumental, assim como o parque temático Portugal dos Pequenitos<sup>5</sup>. Estes constituem, igualmente, os locais mais visitados na cidade<sup>6</sup>, enformando uma experiência turística bastante centrada nos aspectos histórico-monumentais da cidade, com especial presença dos que estão relacionados com a universidade.

Nessa medida, é talvez pela consciência da excessiva concentração da presença turística num número limitado de atracções monumentais e pelo receio de esgotamento do apelo turístico local que são visíveis, agora, algumas tentativas de diversificação da oferta turística disponibilizada. Segundo os promotores institucionais, os turistas podem agora optar por um turismo de natureza, com visitas guiadas pela Mata Nacional do Choupal, com passeios de barco pelo Rio Mondego ou com percursos que “dão a conhecer o valioso património natural de Coimbra, constituído por um conjunto de locais diversificados sob o ponto de vista ecológico e paisagístico” (Turismo de Coimbra, 2008). É também possível experimentar os novos percursos religiosos pela cidade: explorando a vida e obra da Irmã Lúcia, conhecendo os valores culturais e patrimoniais da Rainha Santa Isabel, ou a vida de Santo António. Por fim, para além de “Passear na História” da cidade, os turistas podem escolher “Passear na Literatura” com o roteiro torquiano, ou conhecer a “Coimbra Contemporânea”, visitando “os mais inovadores e contemporâneos edifícios da cidade, com destaque para obras de autores de reconhecido mérito nacional e internacional” (*idem*).

Encontram-se aqui, sem dúvida, referências a novas imagens e possibilidades turísticas para além daquelas que se circunscrevem ao uso do património monumental e universitário. São referências que, por um lado, revelam um investimento em dimensões que tipificam o chamado turismo cultural – ecologia, religião, passeios literários, arquitectura – mas que, por outro, reequacionam o valor das narrativas históricas locais para a promoção de agendas turísticas eficazes para as cidades.

No entanto, apesar destas novas ofertas, a cidade e as narrativas que se (re)constróem sobre ela parecem manter-se demasiado vinculadas à Universidade e ao

<sup>5</sup> 61,1% dos turistas já conheciam a Universidade, percentagem à qual se somam 37,6% que afirmaram já conhecer a Biblioteca Joanina e 17,7% a Sala dos Actos, ambos pertencentes ao conjunto monumental da Universidade. O Portugal dos Pequenitos era já conhecido por 62,4% dos turistas.

<sup>6</sup> Especificamente, a Universidade, a Biblioteca Joanina, a Sé Velha, a Igreja de Santa Cruz e o Arco de Almedina.



peso da instituição na cidade. Disso são exemplo alguns dos projectos mais recentes de promoção turística, como o lançamento da obra *Coimbra, a cidade do conhecimento e o mito da Lusa-Atenas* (Dias, 2010) para comemorar o Dia Mundial do Turismo na cidade, ou a apresentação virtual da cidade, a *Coimbra Interactiva*<sup>7</sup>, que revela bem a centralidade que é ainda atribuída aos aspectos históricos e patrimoniais da cidade, com uma relevância inegável para a Universidade. Com efeito, entre os locais incluídos na apresentação virtual da cidade, uma parte considerável pertence ao conjunto edificado da Universidade de Coimbra.

Esta parece constituir, como argumentámos atrás, uma estratégia de valorização “hard”, mais conservadora e expressiva da história e da memória da cidade, contribuindo para manter a imagem com que Coimbra se posiciona nos mercados do turismo: uma cidade histórica, monumental, tradicional e irreversivelmente universitária.

Numa lógica distinta dos movimentos de participação democrática que identificámos atrás, foi criada em 2004 a Agência de Promoção da Baixa de Coimbra, uma associação sem fins lucrativos que tem como objectivo promover esta zona da cidade como um *centro comercial a céu aberto*, através da dinamização do comércio e serviços, e como uma zona onde comércio, cultura, turismo e lazer deveriam ser conjugados (APBC, 2011). Alguns dos problemas e dos limites desta zona da cidade estão hoje a ser debatidos através de iniciativas que unem cidadãos e comerciantes, sem que, no entanto, o trabalho desempenhado pela Agência tenha uma visibilidade alargada na cidade ou que tais problemas tenham, efectivamente, soluções à vista – o que parece ser mais verdade na cidade é a reprodução da Baixa como um *parente pobre* da Alta.

De fora do imaginário turístico mais recorrente de Coimbra, que restringe muitas vezes a cidade justamente à Alta universitária, permanecem aspectos tão diversos como os modos de vida da população não estudantil, uma série de monumentos e espaços verdes, e algumas das novas zonas da cidade, em torno do centro histórico, que apesar de mais modernas e dotadas de equipamentos desportivos e de grandes superfícies

---

<sup>7</sup> Projecto disponível em <http://turismodecoimbra.pt/coimbrainteractiva/>. A apresentação virtual de Coimbra inclui 12 locais – 6 com notas explicativas e outros 6 apenas com identificação do local no mapa virtual. Metade dos locais a merecer explicação pertence ao conjunto edificado da Universidade de Coimbra.



comerciais, parecem não constituir elementos suficientemente atractivos para serem incluídos nas experiências turísticas organizadas (*ibidem*: 74-75).

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “proximidade intre-cidades” que originou esta reflexão sobre Fortaleza e Coimbra mostrou não só diferentes formas de apropriação do passado, mas também pôs em evidência uma variedade de intervenções e propostas que se efetivam em nome do património. O sentido de diálogo que pretendemos evidenciar no texto, voltou-se para uma mirada mais ampla em processos sociais urbanos designados como patrimonialização que incidem sobre as formas de apropriação do passado. Nos referimos a práticas de ordem cultural e política que se baseiam nas classificações e intervenções vigentes em Fortaleza e Coimbra e também presentes em grande parte das cidades contemporâneas de todas as latitudes.

Os processos urbanos aqui expostos, em suas diversas tonalidades, são recorrentes em outros espaços citadinos e acompanham os mais variados processos de “requalificação”. O entendimento mínimo sobre sentidos compartilhados nos bairros “requalificados” pressupõe noções de civilidade urbana aliadas à idéia de espaço público. Os processos de “requalificação”, por outro lado, são capazes não apenas de subverter os sentidos esperados pelas políticas de intervenção, mas também de dar origem a diferentes “lugares” ou “usos” (Arantes, 2001; Leite, 2004 ).

Coimbra explicita o uso “hard” do património, caracterizando-se pelo uso mais conservador da tradição. Embora possa ter um discurso de promoção turística englobando o património (nomeadamente o património tangível, construído e duro (hard) *das pedras*, faz dele a (re)valorização de um passado glorioso, um passado em si pouco “moderno”. A própria insistência retórica da cidade na sua história, documentada em seu edificado e glorificada pela eloquente narrativa produzida em torno a sua Universidade – o que qualifica uma estratégia patrimonialista “hard” – sobrepuja os discursos modernizantes que insistem sem grande sucesso numa outra imagem e em outras dimensões culturais dos patrimónios locais que o turismo pode explorar. Na verdade, o indelével passado e a memória de uma Coimbra de outrora, ainda que sujeita a reatualizações de significados, não deixa de constituir um obstáculo à almejada modernização da cidade. Enquanto esta não se dotar de outros recursos que reduzam o



peso de uma retórica nostálgica e a retratem como relíquia histórica, o recurso ao passado pode constituir-se em uma daquelas figuras fantasmáticas que de Certeau refere como podendo ensombrar uma cidade, paralisá-la e aniquilar as suas estratégias de renovação.

Se Coimbra se insere no modelo de valorização “hard” do patrimônio com base na sua monumentalidade, as políticas urbanas em Fortaleza, frequentemente objeto de crítica da população e profissionais do urbanismo, por conta do “descaso atribuído ao patrimônio”, parecem encaminhar-se para uma postura adaptativa: sempre a incorporar novos usos nos quais se incluem também a lógica especulativa. Este sempre renovado e plástico sentido de passado adapta-se bem a linguagens plurais, por mais anacrônicas, e enquadra o que pretendemos significar com a ideia de uma política “soft” de uso e leitura do patrimônio local. Em Fortaleza, um tal sentido do passado urbano não assombra nem paralisa a cidade. A sua principal virtude encontra-se na sua capacidade de produzir e tornar conhecidas insuspeitadas experiências de vida urbana. Não será que tal visibilidade esconde e desatualiza a reflexão sobre outras realidades subliminares da cidade?

A reflexão sobre os diferentes sentidos de patrimônio, ainda passível de aprofundamento, põe em questão as dimensões contemporâneas de sociabilidade, as noções de temporalidade e o modo como se efetivam encontros entre presente e “passado”. É nesses encontros, quando cruzados, que as cidades se vêem e reflectem umas sobre as outras ao espelho da “proximidade inter-cidades”.

#### Bibliografia de Referência

ARANTES, Antônio. *Paisagens paulistanas*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes, 2002.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*. São Paulo: Papirus, 1994.

BAPTISTA, Luís. Territórios lúdicos (e o que torna um território): ensaiando um ponto de partida. In: BAPTISTA, Luís; NUNES, João Pedro S. (Orgs). *Cidade lúdica, cidade residencial*. Fórum Sociológico. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica. Números 13/14, p.47-58, 2005.

\_\_\_\_\_. *Cidade e habitação social: o Estado novo e o programa das casas econômicas em Lisboa*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

BARREIRA, Irllys. *O reverso das vitrines: conflitos urbanos e cultura política*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.



\_\_\_\_\_. Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. In: *Análise Social*, Lisboa, 2007.

BEZERRA, Roselane Gomes. *O bairro Praia de Iracema entre o "adeus" e a "boemia": usos e abusos num espaço urbano*. Fortaleza: Laboratório de Estudos da Oralidade – UFC, Ed. Expressão Gráfica, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORDEIRO, Graças Índias; BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino (Orgs.). *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

COSTA, António Firmino da. *Sociedade bairros: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FORTUNA, Carlos. *Identidades, percursos, paisagens culturais*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ANPOCS, n. 33, fev. 1997.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia*. Oeiras: Celta Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. e LEITE, Rogerio Proença (Orgs.). *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009.

GOMES, Carina. Viver no centro da cidade: Práticas, discursos e representações sobre a Baixa de Coimbra. *Oficina do CES*, n. 280, 2007.

GONDIM, Linda. *O Dragão do lazer e da cultura invade a Praia de Iracema*. Trabalho apresentado no V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo – PUCCAMP, Campinas, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Unicamp; Aracaju: UFS, 2004.

\_\_\_\_\_. *Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 115-134, 2002.

LÉVY, Jacques. *Le tournant géographique: penser l'espace pour lire le monde*. Berlim; Paris: 1999.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/Rua.html>. Acesso em: 21 nov. 2001.

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.



SCHRAMM, Solange Maria de Oliveira. *Território livre de Iracema: só o nome ficou?* Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Octávio (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas : mapeando cultura e poder. In: Antônio Arantes (Org.) *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

Texto em Progresso - Uso Restrito